

SIMPÓSIO 13 - POETAS MULHERES: AS VOZES DO FEMININO NA LÍRICA

Professora Doutora Goiandira Ortiz Fac. de Letras/UFG
Professora Doutora Tarsilla Couto de Brito Fac. de Letras/UFG

Grupo 1:

As meias verdades do erotismo na poesia de Cora Coralina

Ebe Maria de Lima Siqueira (D/UEG)

A presente proposta de comunicação pretende tratar do erotismo na obra de Cora Coralina, autora goiana reconhecida como a poetisa da memória. Existe, no conjunto de sua poesia, uma proximidade entre matéria poética e experiências biográficas. Sua memória da infância é considerada como uma das linhas de força de sua poesia, assim como sua relação com a cidade natal e com as pessoas humildes. Já a sensualidade, que resvala para o erótico, se manifesta principalmente na relação que o sujeito lírico estabelece com o mundo animal e vegetal. São exemplares, nesse sentido, os poemas. “Evém boiada!”(2006) e “Poema do milho”(2006). Contudo, quando sua poesia se aproxima do campo da sensualidade e do erotismo entre o masculino e o feminino, percebemos que há um distanciamento do que chamamos de pacto autobiográfico (LEGEUNE, 2008). Em poemas como “O canto de Dorva” (2013) e “Não conte pra ninguém” (2013) em que o erotismo aparece de forma direta, Cora Coralina cria para a voz lírica máscaras que afastam qualquer aproximação entre vida e obra. Tal procedimento poderá indicar conformidade, na escrita poética, com os rígidos códigos sociais e morais impostos à mulher na primeira metade do século, contrapondo-se a sua experiência de vida, considerada de mulher à frente de seu tempo. Pretendemos nos aproximar e discutir essa contradição entre vida e obra, visando a compreender os motivos dessas meias verdades quando a poetisa trata do erotismo. Como fundamentação teórico-crítica sobre o tema do erotismo, tomaremos George Bataille (1987) e Octavio Paz (1994). Para tratar da construção cultural do feminino serão úteis as ideias de Simone de Beauvoir(1975). De Michael Hamburger (2007), tomaremos o conceito de verdade da poesia e com Darcy França Denófrio (2006) fundamentaremos o perfil multifacetado da poesia de Cora Coralina.

Palavras-chave: Cora Coralina; erotismo; biografia; memória.

O tempo na poesia de Augusta Faro

Nismária Alves David (D/UEG)

Em 1982, a escritora goiana Augusta Faro publicou seu primeiro livro de poesia intitulado *Mora em mim uma canção-menina*. Após esta obra, vários títulos se seguiram, constituindo sua produção literária que inclui, além do gênero poesia, contos e ainda obras voltadas para o público infantil. Nos poemas que integram sua coletânea de estreia, a

poetisa revela um profundo intimismo que dialoga com o lirismo de Cecília Meireles, um dos nomes mais significativos da literatura brasileira. Neste trabalho, a partir do viés dos estudos literários comparados, pretende-se observar os ecos da poesia cecilianiana nos poemas augustinianos. Composto por 7 (sete) cantos, o livro em análise traz a presença de símbolos e de diferentes imagens poéticas que estabelecem diversas analogias e oposições. Também se constata a questão do tempo, sendo recorrentes os temas relacionados à existência, à fugacidade da vida, à morte, à memória e à poesia. Pretende-se abordar esses aspectos temáticos e, para subsidiar as análises, considera-se o tempo na poesia, segundo os autores Paul Ricouer (1995), Benedito Nunes (2007), Alfredo Bosi (2010), entre outros. Face ao exposto, é possível observar as características formais e estilísticas predominantes, refletir sobre a relação da poetisa com o fazer poético, questionar se há a busca da identidade relacionada à condição feminina e se, ao seguir a linhagem de uma poesia mais subjetiva, remeteria a uma visão simbolista. A pertinência desta abordagem consiste no aprofundamento da discussão sobre a obra de Faro que se faz relevante para a caracterização da poesia de autoria feminina, em especial de Literatura Goiana.

Palavras-chave: Poesia; Tempo; Augusta Faro.

Confluências modernistas em Goiás: o imbricamento de Maria de Paula e Anna Lins

Miguel d'Abadia Ramos Jubé Júnior (Doutorando/UFG)

Duas autoras cuja produção poética se dá em Goiás (boa parte na Cidade de Goiás) e estão associadas ao modernismo, Marilda Palínea e Cora Coralina, elas têm caminhos literários totalmente contrastantes (e muitas vezes contraditórios) e poéticas mais contrastantes ainda. A história cuidou para que seus caminhos fossem bem mais opositivos – Marilda Palínea sumiu da recepção e da história literária, apesar de toda a “tradição literária familiar” que a envolvia e de sua intensa produção na juventude, e Cora Coralina foi canonizada e abruptamente apropriada pelo mercado literário assim que ele enxergou nela uma mina de ouro perdida em Goiás. Este estudo tenta apresentar como a *tradição seletiva* atua nas condições da produção literária de modo a ajudar alguns (digam-se os grupo compostos dentro de uma elite sociocultural constituída) e prejudicar outros (digam-se os grupos compostos dentro das camadas de histórica subserviência para essa elite) peculiarmente – sem nos atermos neste caso necessariamente ao aspecto biográfico das autoras estudadas, mas à forma de realização estética de suas produções, e como essas formas funcionam para representar ou modificar a sociedade, e em qual sentido. Veremos que constituem um imbricamento formal a produção a possibilidade dessas duas autoras num mesmo ambiente. Este trabalho reforça e compõe nossa tese-pilar para o estudo do Modernismo em Goiás – a *Revista Oeste* como catalizador das condições de base necessárias à efetivação da ideologia modernista em seu todo (estético-político), realizando o que temos apresentado em outros trabalhos como duplo ponto de inflexão do modernismo brasileiro em Goiás. Para compreender a relação das autoras com a política do modernismo, tomamos o conceito de *tradição seletiva* de Raymond Williams (2010 [1975]), Adorno (2011 [1975]), bem como as fundamentações crítico-teóricas de

Candido (2012 [1986]) e estudos da constituição histórico-social de Goiânia (Chaul, 1997; 1999; Revista Oeste, 1942-4).

Palavras-chave: lírica contemporânea brasileira; modernismo goiano; poesia e *tradição seletiva*.

Grupo 2:

A subjetividade lírica feminina de Orides Fontela

Helissa de Oliveira Soares (Doutoranda/UFG)

A autoria feminina é uma categoria estudada pelos estudos literários com particularidades que a levam além da noção de autoria. Como salienta Norma Telles (1992) em seu ensaio sobre autoria feminina, não se trata somente de discutir autenticidade e relações entre invenção e autobiografia. Adentrar o terreno da autoria feminina é também reconhecer que vozes femininas estiveram silenciadas e/ou desfavorecidas durante muito tempo e que, além de suscitar o debate em torno da empiria autoral, aponta também para o problema do paradigma patriarcal de mundo que deixou sua dívida com a literatura de caráter feminino. Esse problema se torna ainda mais intrigante quando nos referimos à autoria feminina na poesia lírica, a qual durante muito tempo esteve intimamente ligada às vivências do poeta, permitindo definir o sujeito lírico, à luz da *Estética* de Hegel (1997), como correspondente ao eu empírico da pessoa que escrevia o poema. Tal concepção motivou a discussão de Theodor Adorno (2003) acerca do sujeito lírico como uma interioridade ligada a uma exterioridade, ou seja, a expressão da poesia lírica não se restringe à subjetividade do indivíduo, mas se estende à objetividade do mundo em que esse indivíduo está inserido. À luz desse comentário, nosso trabalho direciona o olhar à poesia de Orides Fontela, autora que construiu uma poética transgressora e peculiar, na qual afirmou que a transposição que não aconteceu na vida empírica ocorreria em sua poética, evidenciando profundas e decisivas leituras de mundo e de poetas canônicos e de autoria masculina, como Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto, mas que, além disso, ofereceu à poesia lírica de autoria feminina uma erudição e enciclopédia de leitura aos moldes do projeto modernista de literatura.

Palavras-chave: Subjetividade lírica; Autoria feminina; Tradição e modernidade; Orides Fontela

Orides Fontela: leitura de pedras

Mariana Castelo Branco Rabelo (Mestranda/UFG)

Trata-se de estudo crítico da poesia de Orides Fontela, com análise de poemas do seu livro de estreia *Transposição* (1969). A lucidez que permeia sua obra é o eixo orientador da pesquisa. Nessa direção, pretende-se verificar tópicos da modernidade na poesia oridiana através da análise de poemas representativos para o estudo. Orides Fontela, poeta brasileira, foi celebrada por Antonio Candido, formou-se em filosofia e venceu o Jabuti em 1983 com *Alba*. A discussão sobre Orides Fontela situa-se de fato em sua poesia, breve, carregada de silêncio, cíclica, dura, de vocabulário reduzido e bem demarcado. Foi recepcionada como novo fôlego para a poesia brasileira no entardecer do século XX. É contenção do sentimento, contenção da pena. Fecha-se nela, quase ao desconforto da

leitura. A lucidez (luzente, claro, transparente e também capacidade de compreensão, consciência) ecoa em seus versos numa construção de sentidos, edifício racional do seu labor poético. Revela o desencantamento do mundo, a crise da linguagem, a reinvenção dos sentidos, a alegoria deformada, a dissociação, a ruptura estabelecida. Analisa-se, então, como a poetisa conclui tanta clareza e consciência indigestas, e ela o faz com o silêncio. O silêncio resultante do que se vê lúcido mas impossível de ser dito em realidade, o silêncio como última etapa da lucidez. A chamada à experiência, ao enfrentamento da lucidez em seus versos, ao desalento resultante dessa leitura. O referencial teórico é centrado em Hegel (2004), Dominique Combe (2009-2010), Adorno (2003), Michel Collot (2015), T.S. Eliot (1991), Hugo Friedrich (1978), Octavio Paz (1984), Giorgio Agamben (2009), Baudelaire (1996), Paul de Man (1999), Richard Sheppard (1989), Celia Pedrosa (2001) e Luis Dolnikoff (2015).

Palavras-chave: Subjetividade lírica; Modernidade; Pós-Modernidade; Orides Fontela

O humor em Adília Lopes

Pauliany C. Martins (Doutoranda/UFG/CNPq)

Ao tratar da modernidade, Octavio Paz afirma que um dos traços mais importantes é a constante crítica à tradição e à sociedade. A consciência crítica que os escritores passam a ter é mote criador de muitas obras literárias. Tendo em vista essa consciência crítica, esta comunicação pretende ler poemas de Adília Lopes, poeta portuguesa contemporânea, a fim de apresentar e refletir acerca de uma característica comum de sua poesia, o humor. Adília Lopes é uma figura polêmica da cena lírica contemporânea, tanto por sua figura, mas principalmente pelos seus poemas – estes que demonstram a influência de Baudelaire na produção da autora, como já afirmara Celia Pedrosa (2011). Acreditamos que o pastiche e o humor nos poemas da poeta configuram uma subjetividade centrada na consciência crítica da condição humana e do próprio fazer literário. Adília Lopes não demonstra pudores ao citar, aludir ou mesmo ironizar a tradição literária – procedimentos comuns na literatura modernista a que alude Octavio Paz. Essa comunicação objetiva, portanto, elucidar essa estratégia poética de Adília Lopes na qual o sujeito lírico, incitado pela leitura da tradição, utiliza-se do humor para tecer sua crítica e também para afirmar uma identidade. Para esta comunicação, usaremos como base teórica os textos de Michel Collot (1997), Octavio Paz (2013) e como base crítica os textos de Flora Süssekind (2002), Celia Pedrosa (2011) e Rosa Maria Martelo (2004).

Palavras-chave: Poesia contemporânea; Humor; Subjetividade

Três vozes femininas na poesia portuguesa contemporânea

Goiandira Ortiz de Camargo (UFG-CNPq)

A presente comunicação objetiva apresentar e comentar poemas de três poetisas portuguesas. São elas Adília Lopes (1960), Ana Luísa Amaral (1956) e Maria do Rosário Pedreira (1959), vozes femininas que têm contribuído de modo significativo para a poesia portuguesa contemporânea. Representantes de uma geração nascida depois da segunda metade do século XX, Lopes, Amaral e Pedreira se inscrevem no cenário da multiplicidade de dicção poética que caracteriza a poesia portuguesa surgida a partir da década de 1980. Com produção poética bastante fecunda, as poetisas estabelecem um

lugar de fala feminino numa série literária reconhecida por poetas canônicos, como Camões e Pessoa. As poetisas retomam a linhagem de vozes femininas na lírica oriundas de Florbela Espanca, Sophia de Melo Breyner-Andresen, Natalia Correia, Lidia Neto Jorge e outras que sedimentaram a produção poética lusitana feita por mulheres. Nesta comunicação, reunimos Lopes, Amaral e Pedreira pelo viés da subjetividade lírica, cuja performance assume a diversidade que constitui a poesia recente. Sua expressão aproveita do que pode oferecer as tendências poéticas contemporâneas: desde poemas em prosa, passando pelo verso tradicional, aos fragmentos narrativos incrustados nos versos, até aos poemas que soam como aforismas com caráter epigramático. Seus temas vão daqueles engajados no lirismo amoroso, aos sociais, aos mais corriqueiros e episódicos, às preocupações de ordem metafísica até a discussão em torno da palavra articulada às experiências de subjetividades cada vez mais deslocadas e afastadas da perspectiva cartesiana. Tendo em vista o exposto, trataremos da poesia das três poetisas tendo como base Fernando Pinto do Amaral (1991), Rosa Martelo (1999; 2010), Michael Hamburger (2007), Fabíola Padilha (2014), dentre outros.

Palavras-chave: Poesia Portuguesa; Vozes femininas; Subjetividade lírica; Poesia contemporânea.

Grupo 3:

Subjetividade na poesia lírica goiana: os muitos voos de Darcy França Denófrío

Maria Aparecida Barros de Oliveira Cruz(Doutoranda/UFG/UEG)

Esta comunicação visa apresentar uma leitura crítica da obra *Voo cego* (1980), da poetisa goiana Darcy França Denófrío, a partir da abordagem de alguns aspectos da subjetividade, tais como a consciência da perda de uma identidade centrada e o desencontro consigo e com o outro. Para Gottfried Benn (apud COMBE, 2010), o eu lírico moderno é marcado por uma dupla visada com foco na filosofia da composição ao mesmo tempo em que o “eu” se desloca em direção a um “ele”. Nesse sentido, o movimento que se edifica deixa de considerar o particular para centrar-se na figura do outro e ao fazer isso termina por falar um pouco de si. Logo, o descentramento do eu não implica em ausência de lirismo, mas em sua reconfiguração. Em *Voo cego*, percebe-se a presença de um eu lírico que se recusa a suprimir-se, que tem ânsia de unidade, apesar de viver o constante desencontro. A obra, dividida em quatro partes, tem nas três primeiras uma unidade perceptível, marcada pela figuração de um eu dilacerado, carente de forma e de substância e ciente de suas limitações. A última parte apresenta poemas de variada temática, mas ainda com enfoque no eu e nas relações que o atravessam.

Palavras-chave: Subjetividade; Poesia goiana; Darcy França Denófrío

Subjetividade lírica feminina na poesia de Darcy França Denófrío

Marília Steger Consuelo Mendes (Mestranda/UFG)

Autora de vasta obra crítica e de cunho educacional, Darcy França Denófrío tem, também, seu nome inscrito dentre os poetas de destaque da literatura goiana. Seu quarto livro de poesia, *Ínvio lado* (2000), é composto por um conjunto uniforme de poemas que

expressam uma subjetividade lírica marcadamente feminina. O presente trabalho é resultado dos estudos realizados no mestrado, em andamento, e filiado ao projeto *Apresentação da poesia goiana: de 1948 aos dias atuais* conduzido pela Rede Goiana de Pesquisa em Leitura e Ensino de Poesia. Seu objetivo é analisar o poema *Sob o Manto da Grande Mãe*, uma vez que neste se relacionam o passado mítico e o passado histórico de supressão da liberdade do gênero feminino. Com abordagem bibliográfica centrada nos aspectos formais do texto (a estilística, o verso, a imagem, o ritmo) e na subjetividade lírica feminina do poema, o referencial teórico e crítico utilizado é composto por João Alexandre Barbosa (1986), Michel Collot (2004, 2015), Michael Hamburger (2008), Hegel (2004), Celia Pedrosa (2006, 2008) e Gilberto Mendonça Teles (2016). A retomada do período pré-cristão, no referido poema, expõe o processo histórico de subjugação da mulher e revela um movimento em prol do resgate, da consciência e da força feminina para a promoção da igualdade de gênero.

Palavras-chave: Subjetividade lírica feminina; Poesia goiana; Igualdade de gênero.

A poesia em Goiás nos anos 1980: Darcy França Denófrio

Gabriella de Moura Gomes (Graduanda /UFG)

Esse trabalho integra o Projeto de Pesquisa *Subjetividade, lirismo e contemporaneidade: estudos críticos da poesia brasileira e portuguesa*, sendo um recorte do Plano de Trabalho de Iniciação Científica “A poesia em Goiás nos anos 1980: Adalberto De Queiroz, Darcy França Denófrio, Sônia Maria dos Santos e Pio Vargas”. No Plano de Trabalho, o objetivo é investigar a poesia goiana na década de 1980. A escolha pela década de 1980 decorre de que nesse período a poesia de Goiás se individualiza mais, e deixa de necessariamente ser produzida conforme uma estética conjunta ou de um programa grupal. Elegemos os quatro nomes citados devido ao impacto de suas obras na poesia da época e de sua continuidade, regularidade de publicação. Para este trabalho, no entanto, elegemos Darcy França Denófrio e seu livro de estreia, *Voo Cego*. Este é o primeiro livro, de 1980, premiado em 1981 pelo Prêmio Estadual Cora Coralina da União Brasileira dos Escritores-Seção Goiás. A estreia de Denófrio assinala uma lírica aut meditativa, que não se perderá nos demais livros (*O risco das palavras*, de 1982; *Amaro mar*, de 1987; *Ínvio lado*, de 2000; e *Poemas de dor & ternura*, de 2008), de um eu lírico voltado para si mesmo, cujo aspecto de autoria feminina não é da ordem de seu registro de escolha vocabular nem de imagens, ou seja, não é uma poesia dessa autoria quanto ao aspecto característico do gênero. É um livro que, no conjunto da poesia goiana da década de 1980, reflete parte da poesia brasileira da época, no sentido da variedade de vozes e temas. Observamos na investigação que a análise dessa produção resultou sempre no eu ensimesmado, de modo a não recorrer à forma do gênero, implicando que Denófrio é exemplar de um perfil que recorre à poesia em sua variedade.

Palavras-chave: Poesia goiana; Década de 1980; Darcy França Denófrio; Lírica aut meditativa

Poesia goiana de autoria feminina estreante na década de 1980

Jamesson Buarque (D/UFG)

Vinculado ao Projeto *Apresentação da poesia goiana: de 1948 aos dias atuais*, nosso trabalho elenca quatro poetisas goianas mediante um rol de catorze com estreia em livro na década de 1980, dos quais dez são autores. Nessa década, a poesia goiana, como em geral a brasileira, apresenta variadas vozes, diferentemente da década anterior, quando o cunho social, a expressão do cotidiano e a “estética marginal” eram comuns. Contudo, em Goiás, esse perfil da década de 1970 não foi tão recorrente, e apesar do experimento Praxis no fins da década de 1960, até aquela década boa parte da poesia goiana ainda era epígona do Modernismo, principalmente quanto à estética sertanista e folclorista. Além de ser tarefa do Projeto assinalado, nosso interesse pela década de 1980 tem a especificidade de nesse decênio a poesia brasileira se diversificar. Por sua vez, como a poesia goiana na década de 1980 não apresenta apenas afinidade com o perfil brasileiro de diversidade poética, mas também de limitada produção de autoria feminina, que replica o princípio de apagamento típico da literatura nacional, tomamos as quatro autoras para enfatizar esse problema. As poetisas destacadas, pela cronologia da estreia, foram: Darcy França Denófrio, Augusta Faro, Sônia Maria Santos e Gilka Bessa. Delas, ocupamo-nos do primeiro livro, respectivamente: *Voo cego* (1980), *Mora em mim uma canção menina* (1982), *A teia dos dias* (1985) e *Câmara lúcida* (1987). Interessou-nos menos uma discussão de gênero e mais o relevar obras desse perfil autoral, pois pela configuração do lirismo, a autoria é por princípio uma expressão identitária. Isso, conforme observado durante a investigação, resultou em notar em Denófrio uma voz contida, em busca de saída, autocentrada; em Faro, uma voz que recorre à confissão para registrar sua origem com frequente marcação do gênero; em Santos, uma voz que variando entre voltar-se para si e para fora, interessa-se pela linguagem como forma de existir; e em Bessa, uma voz pouco ocupada de si, mais ocupada com os modos de existência, que valor deixar se absorver pela vida.

Palavras-chave: Poesia goiana; Década de 1980; Diversidade poética; Autoria feminina; Expressão identitária.

Grupo 4:

**Elementos estéticos/literários no discurso da mulher
negra no RAP: Nuances na música *Manifesto/pule,
garota* do grupo Rimas e Melodias**

Tiago da Cruz Santos (Graduando/UNEB)

Whine Moenda Locatelli Teixeira (Graduando/UNEB)

Orientador: Márcio Ramos Junqueira (M/UNEB)

A música é um dos meios de diálogo entre as sociedades a qual chega em todas as esferas sociais. Neste artigo iremos apresentar a música “Manifesto/ Pule, garota” de autoria do grupo Rimas e Melodias, com o objetivo de analisar a canção e os elementos estéticos literários contido na mesma, com base em visões críticas na conexão entre poesia, vida e sociedade. Topicalizamos o artigo em três fontes, inicialmente partindo das ideias de Postali (2011) introduzindo a história da cultura e movimento *Hip-hop* desde sua criação nos EUA até a chegada e disseminação no Brasil. Weller (2015) contribui com uma apresentação sobre a participação das mulheres no Rap, representação e influência no gênero musical. O terceiro será a teorização do lugar de fala e espaço de resistência da

mulher com base em Ribeiro (2017); buscando denotar na filosofia feminina a liberdade da mulher. A pesquisa apresenta observações relevantes ao contexto social em que vive as mulheres e as dificuldades de locomoção e autonomia por elas enfrentadas. Portanto a mulher ainda resistirá e lutará por muito tempo para conquistar maior visibilidade no cenário artístico da cultura hip hop. Uma vez que combater opressões resultará em contrariar padrões sociais históricos, logo é preciso um trabalho de conscientização a par das opressões sofridas pelas mulheres e combatê-las ainda que os padrões conservadores julguem tal ação distante do real compromisso social da mulher. Sendo assim o estudo em curso aponta para uma emancipação feminina dentro do cenário do RAP e a música com letras de abordagem direta apresenta inspiração às mulheres, incentivando-as a posicionar-se enquanto a qualquer lugar, espaço/tempo de fala.

Palavras-chave: Mulher negra; Hip hop; Estética literária

Penélope na poesia de autoria feminina contemporânea: um recorte

Tarsilla Couto de Brito (D/UFG)

Michelle Perrot, pesquisadora de história social, comenta em *Minha história das mulheres* [2006] (2017), que, ao tratar da relação entre mulheres e criação, havia um senso comum intelectual típico no século XIX: as mulheres não são capazes de criar; são capazes apenas de reproduzir, ou seja, (re)criam por imitação. Para Freud, a grande contribuição das mulheres para as artes teria sido a tecelagem (op, cit., p. 96). No entanto, elas escreveram. E não é interessante lembrar que paradoxalmente tecer e texto possuem a mesma raiz? Como não convocar Penélope, a tecelã da Odisseia, que com sua astúcia silenciosa garantiu o poder de sua linhagem sobre Ítaca e, num desdobramento, sobre a história da literatura ocidental? Assim foi que Penélope transformou-se em metáfora poderosa entre os dedos ágeis da autoria feminina, o que, propõe-se como hipótese, concorre para uma interferência no cânone, tradicionalmente masculino. O objetivo dessa comunicação será ler e comentar poemas escritos por mulheres brasileiras que se valeram da metáfora de “Penélope, a tecelã” para discutir sobre o silêncio que cerca a criação feminina. Os temas da espera, da ausência, do devir e do destecer são o foco; Ana Martins Marques, Mônica de Aquino, Myriam Fraga e Yêda Schmaltz são as autoras mulheres que fornecem os objetos-poema para o presente estudo.

Palavras-chave: Penélope; Ana Martins Marques; Mônica de Aquino; Myriam Fraga; Yêda Schmaltz

Universo feminino e transcendência em Adélia Prado: uma lírica de autoria feminina

Anna Cláudia Passani Ferreira (Ms/Rede de Poesia/UFG)

Ler poesia – a contemporânea, principalmente – é, na maioria das vezes, ler o vazio, quando todo ato de leitura pressupõe uma transcendência rumo a algo que está além, nesse espaço nublado de sentido. A transfiguração do cotidiano na obra de Adélia Prado apresenta um fazer poético resgatado das metáforas, dos símbolos, da elaboração artística. Assim, buscamos apresentar essa transcendência a partir do poder expressivo das imagens construídas ao longo desse fazer poético, no modo como a poeta constrói seus poemas, elucidam as relações de sua poesia, com ênfase na voz feminina de seu sujeito lírico. São

aspectos fundamentais para se conduzir uma leitura dessa poesia, percebendo a relação que a poetisa estabelece entre o material e o espiritual, o erótico e o religioso, o imanente e o transcendente: para a poetisa, tudo pode ser visto como matéria de poesia. Para este trabalho, utilizamos o volume *Poesia reunida* (2001), por proporcionar uma visão mais abrangente da obra de Adélia Prado. Como base teórica e crítica utilizaremos os seguintes pesquisadores e obras: Carlos Bousôno (1952), Gaston Bachelard (2001; 2006) João Alexandre Barbosa (1986), Manfred Lurker (2003), Suzanne Langer (2006) e Octavio Paz (1982). Com esta comunicação, esperamos mostrar que a manifestação do sujeito lírico feminino é fundamental para discutir as representações dialógicas e simbólicas.

Palavras-chave: Feminino; Lírica; Adélia Prado; Poesia

Vozes femininas na lírica contemporânea brasileira

Maria Severina Batista Guimarães (D/UEG)

O presente estudo propõe analisar e interpretar as vozes líricas de três poetisas brasileiras contemporâneas no que elas apresentam de subjetividade na busca de identidades próprias, motivadas por uma situação histórica adversa em que se somam questões culturais – em razão de uma educação machista – e sociais, ligadas à marginalização e desvalorização da mulher. Assim, a seleção das poetisas brasileiras Adélia Prado, Hilda Hilst e Dora Ferreira da Silva para *corpus* desse trabalho justifica um estudo mais apurado das interferências de gênero no tom dessas vozes que ressoam numa poesia marcada pela condição de enunciação do eu lírico, o qual se expressa ora em tom elevado, conforme propõe Ítalo Moriconi, no artigo “Pós-Modernismo e a volta do sublime na poesia brasileira” (1998), ora num tom baixo e quase prosaico, refletindo a condição em que o sujeito se situa no meio social, conforme apontam críticas como Judith Butler em *Questões de gênero* (2003), Virginia Woolf em *Um teto todo seu* (2004) e Gayatri Spivak em *Pode o subalterno falar?* (2010).

Palavras-chave: Vozes líricas; questões de gênero; poesia feita por mulheres.